

Avaliação do processo do Ensino de Química Inclusivo na perspectiva da aprendizagem do aluno surdo em três escolas públicas de Boa Vista-RR

Chemistry Education process evaluation Inclusive in view of the deaf student learning in three public schools in Boa Vista-RR

Resumo

Este trabalho tem como objetivo apresentar um diagnóstico acerca dos problemas relacionados ao processo de aprendizagem em química de alunos surdos em três turmas do 1º ano do Ensino Médio de três Escolas Públicas Estaduais de Boa Vista-RR. Além disso, pretende-se apresentar as principais dificuldades enfrentadas pelos professores de química para efetivar um ensino de química inclusivo. A pesquisa caracteriza-se como qualitativa e foi realizada em 2014, participaram da pesquisa 03 professores de química, 03 intérpretes de libras e 06 alunos surdos. Os resultados mostraram que apesar das diferentes realidades nas escolas pesquisadas, todas foram consideradas de referência. Além disso, verificou-se a falta de capacitação, tanto, do professor de química, quanto do intérprete de libras no atendimento destes alunos no processo de ensino, podendo acarretar problemas de aprendizagem da disciplina.

Palavras chave: educação inclusiva, ensino-aprendizagem, necessidades educativas especiais.

Abstract

This paper aims to present a diagnosis of the problems related to the learning process in chemistry deaf students in three classes of the 1st year of high school three State Public Schools Boa Vista-RR. In addition, it is intended to present the main difficulties faced by chemistry teachers to effect an inclusive chemistry education. The research is characterized as qualitative and quantitative, and was carried out in 2014, participated in the survey 03 chemistry teachers, interpreters 03 pounds and 06 deaf students. The results showed that despite the different situations studied in schools, all were considered as reference. In addition, there was a lack of training, both, the chemistry professor, as the pounds interpreter in attendance of these students in the teaching process that brings the discipline learning problems.

Key words: inclusive education, teaching and learning, special educational needs.

Introdução

Atualmente, é possível assistir a decadência dos valores humanos nos quesitos ambientais, educacionais, políticos, sociais, éticos e ambientais. Infelizmente, essa crise vem se agravando pela falta de ações que sustentem as melhorias na qualidade de vida, tendo como consequência a destruição do meio natural e de toda sua biodiversidade e culturalidade. As

diferenças estagnadas, a mistura das culturas, a degradação dos ecossistemas e o esgotamento dos recursos, são elementos que propiciam mudanças no panorama mundial.

O questionamento sobre o papel do homem nas transformações do meio em que está inserido vem sendo discutido constantemente. Nesse contexto, a educação em ciências é um elemento primordial que possibilita a reflexão do indivíduo sobre seus atos adotando uma postura ética, científica, cultural e tecnológica diante destas situações. Com isso, o ensino de ciências possui um papel significativo o que possibilita a alfabetização científica, para uma educação libertadora, contribuindo tanto para a promoção intelectual do indivíduo, como possibilitando sua participação na tomada de decisões pertinentes à aplicabilidade de novos conhecimentos na sociedade em que está inserido. Por isso, o ensino de ciências, mais especificamente o ensino de química, é um elemento apreciativo diante de tantos fatores ambientais negativos decorrentes da ação do homem, é preciso transformar a forma de pensar e agir dos seres humanos para que entendam de que forma agem nesse processo e que meios ou atitudes podem ser tomadas para minimizar os efeitos negativos de suas ações. Segundo a Conferência Mundial sobre a Ciência para o século 21, sediada pela UNESCO e pelo Conselho Internacional para a Ciência:

Para que um país esteja em condições de satisfazer as necessidades fundamentadas da sua população, o ensino de ciências e a tecnologia são imperativos estratégicos. Como parte dessa educação científica e tecnológica os estudantes deveriam aprender a resolver problemas concretos e a satisfazer as necessidades da sociedade, utilizando as suas competências e conhecimentos científicos e tecnológicos [...]. [...] Hoje, mais do que nunca, é necessário fomentar e difundir a alfabetização científica em todas as culturas e em todos os setores da sociedade. (CONFERÊNCIA MUNDIAL SOBRE LA CIÊNCIA, Budapeste, 2000).

Para Aguiar, Maria e Martins (2003) ensinar química para a percepção de mundo, “trata-se de formar o cidadão-aluno para sobreviver e atuar de forma responsável e comprometida nesta sociedade científico-tecnológica, na qual a Química aparece como relevante instrumento para investigação, produção de bens e desenvolvimento socioeconômico e interfere diretamente no cotidiano das pessoas”. O professor precisa, então, abordar em sala de aula as informações químicas fundamentais que forneçam uma base para o aluno participar nas decisões da sociedade, conhecendo os efeitos de suas decisões. Isso significa que o aluno, para se tornar um cidadão, precisa saber participar e julgar. Para tanto, o professor necessita selecionar os conteúdos de modo a relaciona-los de forma contextualizada com o cotidiano dos alunos.

Este trabalho visa apresentar um panorama das dificuldades encontradas por professores de química no ensino de alunos com surdez, regularmente matriculados no 1º ano do ensino médio, tendo em vista a necessidade de alfabetizar cientificamente todos. Neste sentido, foram pesquisadas três escolas públicas do ensino médio de Boa Vista. As escolas foram selecionadas por quesitos de acessibilidade e localização, pois, estão localizadas no centro da cidade e por possuírem sala multifuncional e em alguns casos possuírem Atendimento Educacional Especializado (AEE).

Fizeram parte desta pesquisa 6 alunos surdos matriculados em turmas do 1º ano do ensino médio regular, distribuídos em três escolas da capital Boa Vista, sendo dois alunos em cada escola. A pesquisa foi desenvolvida utilizando a Língua Brasileira de Sinais-LIBRAS para a comunicação com os alunos surdos. No espaço escolar ou nos centros específicos para o Atendimento Educacional Especializado, a LIBRAS é a primeira língua ensinada para o aluno surdo e a segunda língua, o português.

Conforme Tierney (1993), as escolas se encontram frente ao desafio de desenvolver uma pedagogia capaz de educar com êxito a todas as crianças, inclusive àquelas com deficiências graves. Além do mais, planeja-se uma escola que atenda a todos, já que as diferenças humanas são naturais, havendo, portanto, a necessidade de adaptar o currículo a cada criança. A grande problemática na educação dos surdos brasileiros gira em torno do processo de aquisição da leitura e da escrita do português, que pelo fato de ser surdo, o aluno não adquire a linguagem oral de forma espontânea, tendo, em geral, desempenho na escrita e na interpretação da língua portuguesa extremamente precária (QUADROS, 2003).

O tema deste artigo surgiu da necessidade dos autores em apresentar a problemática do ensino e avaliação da aprendizagem de química para alunos surdos, já que é um problema que se torna cada vez mais presente nas escolas, e que influenciarão futuramente na qualidade do aprendizado do aluno surdo e em toda sua trajetória escolar. Com isso, é necessária a transformação da escola, defendendo a inserção destes alunos no ensino regular, e as escolas responsabilizando-se pela adaptação de uma nova postura diante das necessidades dos alunos, de formar e deixar de lado o modelo tradicional de ensino. A inclusão escolar de pessoas com necessidades especiais é um viés com foco principal na Educação Especial e na Educação em geral nos últimos tempos, voltando programas e políticas educacionais e de reabilitação em vários países, inclusive no Brasil.

Segundo Zanata (2004), “a prática de inclusão no âmbito da escola implica em promover a escolarização de crianças com necessidades educacionais especiais em classes comuns, juntamente com seus colegas sem necessidades mais diferenciadas”. No entanto, o professor procura modificar sua prática, em termos de procedimentos instrucionais, atividades, formas de avaliar e adequar seu conteúdo de forma que a participação e a aprendizagem desses alunos se comprometem. Mesmo que as literaturas sobre a inclusão de alunos com algum tipo de deficiência em sala de aula nos mostre uma considerável quantidade de estratégias pedagógicas eficazes, estas parecem não chegar às classes onde alunos com deficiências estão inseridos, pois ainda existem alunos sem atendimento especializado, e professores sem capacitação para atendê-lo.

Metodologia

A pesquisa foi realizada em turmas do 1º ano do Ensino Médio nas Escolas Estaduais Lobo D’Almada, Ayrton Senna da Silva e Gonçalves Dias. As escolas estão localizadas no centro da cidade e possuem alunos com deficiência auditiva (DA) regularmente matriculados. Para coletar os dados foram realizadas atividades de observação do pesquisador em sala de aula com intuito de observar a práxis docente para com o aluno surdo, tanto do professor de química como do professor intérprete, quando havia. A primeira etapa envolveu um planejamento preliminar onde se analisou de que forma a aprendizagem dos alunos surdos se efetivava. Em seguida, foram iniciadas as observações e anotações em um quadro contendo treze questionamentos relevantes desde a quantidade de escolas abordadas, quantidade de intérpretes e alunos abordados, capacitação do professor, o acesso à Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), dificuldade do aluno em entender conteúdos de química, até as intervenções dos alunos em sala de aula, como acontecem as avaliações destes alunos, o processo de comunicação, se os intérpretes de libras estão capacitados a atender estes alunos, em fim, estes questionamentos propiciaram a chegar a um resultado quando se questiona o quesito da dificuldade do professor em efetivar o ensino de química inclusivo.

Resultados e Discussões

Após as observações, foi possível elaborar dois quadros (quadro 01 e 02) com as informações obtidas durante as visitas nas escolas avaliadas.

Nº de Escolas pesquisadas	03	
Nº de professores de química pesquisados nas escolas visitadas	03	
Nº de intérpretes de Libras pesquisados nas escolas visitadas	03	
1. Quantos alunos surdos estão matriculados no 1º ano do Ensino Médio nas escolas pesquisadas?		
Escola Estadual Lobo D'Almada	02	
Escola Estadual Ayrton Senna da Silva	02	
Escola Estadual Gonçalves Dias	02	
	Total: 06 alunos surdos	
2. As Escolas possuem Sala de Recurso Multifuncional?		
	Sim	Não
Escola Estadual Lobo D'Almada	X	
Escola Estadual Ayrton Senna da Silva	X	
Escola Estadual Gonçalves Dias		X
3. As Escolas realizam Atendimento Educacional Especializado-AEE?		
Escola Estadual Lobo D'Almada		X
Escola Estadual Ayrton Senna da Silva	X	
Escola Estadual Gonçalves Dias		X
4. A escola possui intérprete de Libras (Língua Brasileira de Sinais) para atender o aluno surdo?		
Escola Estadual Lobo D'Almada		X
Escola Estadual Ayrton Senna da Silva	X	
Escola Estadual Gonçalves Dias	X	
5. Como este atendimento é realizado?		
Escola Estadual Lobo D'Almada	Não realiza atendimento	
Escola Estadual Ayrton Senna da Silva	Realiza o atendimento no horário oposto ao que o aluno está em sala de aula	
Escola Estadual Gonçalves Dias	Não realiza atendimento	
6. Os professores de química das escolas cursaram ou entendem libras?		
	Sim	Não
Escola Estadual Lobo D'Almada	Realizou o curso básico de libras, no entanto não consegue se comunicar.	
Escola Estadual Ayrton Senna da Silva	Teve em sua grade curricular de graduação a libras, no entanto não consegue se comunicar.	
Escola Estadual Gonçalves Dias	Não realizou curso algum de libras e não consegue se comunicar.	
7. Os alunos surdos cursistas do 1º ano do ensino médio regular das escolas são alfabetizados em Libras?		
	Sim	Não
Escola Estadual Lobo D'Almada	A-1 A-2	
Escola Estadual Ayrton Senna da Silva		A-1 A-2
Escola Estadual Gonçalves Dias	A-1 A-2	
8. Os alunos surdos cursistas do 1º ano do ensino médio regular das escolas apresentam dificuldades em se comunicar em sala de aula?		
	Sim	Não
Escola Estadual Lobo D'Almada	A-1 A-2	
Escola Estadual Ayrton Senna da Silva	A-1 A-2	
Escola Estadual Gonçalves Dias	A-1 A-2	

Quadro 01: Resultados obtidos nas observações e abordagens realizadas em sala de aula nas escolas estaduais Lobo D'Almada, Ayrton Senna da Silva e Gonçalves Dias, localizadas na cidade de Boa Vista/RR.

Nas três escolas avaliadas foram questionados os três professores de química, os três

intérpretes libras e seis alunos surdos matriculados em turmas regulares do primeiro ano do ensino médio. Das três escolas visitadas, duas possuem sala multifuncional ativa e uma não realiza Atendimento Educacional Especializado-AEE, uma das escolas não possui intérprete de Libras (Língua Brasileira de Sinais) para atender o aluno surdo, ficando este aluno a mercê da falta de comunicação e de informação. Neste sentido, pode-se questionar como ocorre o processo de inclusão deste aluno no processo educativo, uma vez que a escola não oferece um profissional capacitado para atendê-lo. Duas das escolas não realizam o AEE, e a que possui este atendimento, disponibiliza-o no horário oposto ao que o aluno está em sala de aula.

Dentre os professores de química abordados, um realizou o curso básico de libras, no entanto não consegue se comunicar, o segundo cursou em sua graduação a disciplina de libras, entretanto, não consegue se comunicar e o terceiro não realizou curso algum de libras, contudo também não consegue se comunicar. Apesar da Resolução do Conselho Nacional de Educação/Conselho Pleno- CNE/CP1 de 2002, definir que o ensino superior deve preparar os professores na formação acadêmica para atender alunos com necessidades especiais, atualmente, ainda existem cursos de Licenciatura em Química que não possuem em sua matriz curricular cursos voltados para a formação inicial do professor no ensino inclusivo. Em 2003, o Ministério da Educação (MEC) criou o Programa Educação Inclusiva: Direito à Diversidade, que forma professores para atuar na disseminação da Educação Inclusiva. E em 2006, em convenção aprovada pela Organização das Nações Mundiais (ONU) estabeleceu que as pessoas com deficiência deveriam ter acesso ao ensino inclusivo.

Diante do exposto e considerando que o professor, em sala de aula é o principal responsável pelo processo da transposição didática, verifica-se que fatores como a formação de professores aptos a executar a tarefa de lidar com educandos com necessidades tão específicas, são determinantes para que o processo de ensino, aprendizagem e inclusão realmente ocorram na sala de aula. Considerando que, na escola todos são atores, mas os professores são atores de “primeira ordem” e, conseqüentemente, devem-se intensificar os esforços para que lhes seja garantida a formação necessária ao exercício da profissão docente e que, por outro lado, os professores tomem consciência da sua própria profissão em termos individuais e coletivos (ALARCÃO, 1996). Além disso, verifica-se a escassez de materiais didáticos voltados para o ensino de química inclusivo.

Dos seis alunos abordados apenas dois alunos de uma das escolas não são alfabetizados em libras, assim se comunicam parcialmente. Dificultando, assim, processo de comunicação entre aluno e professor intérprete e o mais importante, interferindo no processo de aprendizagem, pois, a Libras é a primeira língua a ser aprendida pelo aluno surdo, por isso todos os alunos surdos abordado apresentam dificuldades em se comunicar em sala de aula. No quadro 02 são apresentados os dados referentes à intervenção junto aos alunos surdos.

1. Os alunos surdos realizam atendimento educacional especializado no Centro de Atendimento à Pessoa Surda-CAS?		
	Sim	Não
Escola Estadual Lobo D´Almada	A-1 A-2	
Escola Estadual Ayrton Senna da Silva	A-1	A-2
Escola Estadual Gonçalves Dias	A-1	A-2
2. Estes alunos participam de apresentações de trabalhos, seminário, eventos culturais, Feiras de Ciências, etc?		
	Sim	Não
Escola Estadual Lobo D´Almada		A-1 A-2

Escola Estadual Ayrton Senna da Silva		A-1 A-2
Escola Estadual Gonçalves Dias		A-1 A-2
3. O aluno surdo intervém de que forma em sala de aula?		
Escola Estadual Lobo D'Almada	Os colegas ouvintes em sala de aula auxiliam o aluno surdo a realizar as atividades de química, pois não possuem interprete de libras para atente-los.	
Escola Estadual Ayrton Senna da Silva	O aluno não intervém	
Escola Estadual Gonçalves Dias	Os alunos intervêm significativamente em sala de aula, se fazem entender, entendem os cálculos e conteúdos e tiram suas duvidas com o professor de química mediado pelo interprete de libras.	
4. Como o professor de química avalia os alunos surdos em sala de aula?		
Escola Estadual Lobo D'Almada	Resolução de exercícios entrega de trabalhos e intervenção em sala de aula	
Escola Estadual Ayrton Senna da Silva	Seminários (em libras) e trabalhos escritos	
Escola Estadual Gonçalves Dias	Seminários (em libras), resolução de exercícios, entrega de trabalhos e intervenção em sala aula.	
5. O professor de química utiliza algum recurso visual (imagens, vídeos, cartazes) em sala de aula?		
	Sim	Não
Escola Estadual Lobo D'Almada		X
Escola Estadual Ayrton Senna da Silva		X
Escola Estadual Gonçalves Dias	X	

Quadro 02: Resultados obtidos nas observações e abordagens realizadas em sala de aula com estudantes surdos do 1º ano do ensino médio das escolas estaduais Lobo D'Almada, Ayrton Senna da Silva e Gonçalves Dias, localizadas na cidade de Boa Vista/RR.

Além disso, os seis alunos não realizam atendimento no Centro de Atendimento à Pessoa Surda-CAS, este centro é voltado para acolher e atender a comunidade surda e capacitar professores na área da Libras. Os alunos surdos não participam de apresentações de trabalhos, seminários, eventos culturais e nem Feiras de Ciências, fato que contradiz a proposta de inclusão esperada da escola que atende este aluno tornando inviável a aprendizagem do mesmo. Segundo Ausubel (1978), a aprendizagem é dita significativa quando as informações recebidas pelos alunos são acompanhadas de significados, por meio de ancoragem que o próprio mecanismo cognitivo processa, e essa significância passa pelo campo das ideias, conceitos e proposições já existentes nos alunos. Por isso a importância da qualificação profissional para atender estes alunos em sala de aula.

Quanto à forma de como o aluno surdo intervém em sala de aula, na primeira escola os colegas ouvintes em sala de aula auxiliam o aluno surdo a realizar as atividades de química, pois não possuem interprete de libras para atente-los. Na segunda escola o aluno não intervém e na terceira os alunos intervêm significativamente em sala de aula, se fazem entender, entendem os cálculos e conteúdos e tiram suas duvidas com o professor de química mediado pelo interprete de libras. Os alunos surdos ao opinar sobre a dificuldade em aprender química, cinco dos alunos abordados relatam as seguintes dificuldades: “Difícil, não entender”; “Química difícil”; “Química difícil, não entender” e “Ter professor intérprete, ajuda entender química, professor de química bom”; “não gostar de química, não entender”. E um aluno não relata dificuldades: “Não é difícil, não temos professor interprete de Libras para traduzir”.

A forma como os professores de química avaliam os alunos surdos e dada da seguinte forma: na primeira escola o professor trabalha com resolução de exercícios, entrega de trabalhos escritos e intervenção em sala de aula; na segunda escola a avaliação acontece por meio de

seminários (em libras) e trabalhos escritos, e na terceira escola o professor realiza a avaliação por meio de seminários (em libras) realizado pelos alunos surdos e contando com o auxílio do professor interprete de libras, resolução de exercícios, entrega de trabalhos escritos e intervenção em sala aula, é importante ressaltar que a metodologia de avaliação na segunda e na terceira escola, está tanto para alunos surdos como para os ouvintes, nas escolas onde acontecem os seminários, os alunos surdos realizam o seminário em Libras, sempre tendo um interprete auxiliando no processo de comunicação.

Durante a observação das aulas do professor de química, buscou-se verificar se utilizavam algum recurso visual (imagens, vídeos, cartazes) em sala de aula, e foi possível notar que apenas um trabalha com estes recursos, é importante apresentar que, estudos recentes sobre a atuação do professor em classes inclusivas apontam que, o sucesso de sua intervenção depende da implementação de amplas mudanças nas práticas pedagógicas (O'DONOGHUE & CHALMERS, 2000) mesmo sendo, a adoção de novos conceitos e estratégias, como a educação cooperativa (O'CONNOR & JENKINS, 1996). Por isso, a importância também, a construção e adaptação do currículo visando o uso de novas técnicas de ensino específico para essa clientela tendo em vista que também será estabelecida uma nova forma de avaliar este aluno. Além disso, procurar sempre estimular a participação do aluno surdo a encarar sua realidade social e educacional, estas ações dependem, além disso, de atitudes positivas frente à inclusão de crianças com necessidades especiais no ensino regular (AVRAMIDIS, BAYLISS & BURDEN, 2000).

Conclusão

O ensino de Ciências nas escolas brasileiras, ainda acontece de forma tradicional e as pesquisas nessa área, costumeiramente, têm como foco o professor e o aluno. Assim, o objetivo deste artigo foi apresentar de forma sucinta os resultados obtidos através de observações, entrevistas e aplicação de questionário a professores e alunos surdos, atuantes nas aulas de química em turmas do primeiro ano do ensino médio regulares com alunos surdos matriculados em três escolas públicas de Boa Vista, Roraima. Bem como, abordar como o aluno surdo é atendido nestas escolas e como o professor efetiva o ensino de química inclusivo com estes alunos.

Os resultados foram de cunho apreciativo, pois foi possível verificar três realidades distintas, o tipo de atendimento varia de uma escola para outra, ou seja, recebam atendimento conforme a realidade da escola, pois nem todas as escolas possuem sala multifuncional e quando tem, encontram-se inativas, adaptadas ou improvisadas em bibliotecas em espaços que fogem do que na realidade se espera, em algumas escolas existe o AEE, no entanto não possui professor interprete para auxiliar o aluno em sala de aula, em outro caso possui interprete, no entanto o aluno não é alfabetizado em libras, os professores de química apesar de que a maioria possui em seus currículos o curso de libras, ainda não conseguem se comunicar eficazmente com os alunos surdos, entendem pouco de libras e os alunos surdos sentem dificuldade em aprender química por causa da comunicação. Os resultados mostram que existem alunos gostam de química, no entanto a principal barreira é a falta de comunicação entre professor e aluno, outro resultado claro é falta aulas mais dinâmicas, interativas e práticas. Vivemos em um mundo científico-tecnológico que exige do cidadão conhecimentos mais apurados, e na área de Ciências é a que mais apresentam essa exigência.

Por isso, é importante destacar que é necessário estimular os alunos para esse campo do saber, pois o domínio desse conhecimento científico é a alavanca para o desenvolvimento de um país. Além disso, é um dos fatos que possibilita também o conhecimento de sua própria realidade de vida e do mundo que o cerca.

Agradecimentos e apoios

Núcleo de Pesquisa em Ciências e Matemática-NUPECEM/UERR

Referências

ALARCÃO, I. Reflexão crítica sobre o pensamento de D. Schön e os programas de formação de professores. In: ALARCÃO, I, (org) **Formação reflexiva de professores – Estratégias de supervisão**. Portugal: Porto Editora, 1996.

AVRAMIDIS, E.; BAYLISS, P. & BURDEN, R. (2000). **Student teacher's attitudes towards the inclusion of children with special education needs in the ordinary school**. *Teaching and Teacher Education*, 16, 277-293.

LEMONS, N. L.; ALCANTARA. M.; BENITE. C. R. M.; **O Ensino de Química e a Aprendizagem de Alunos Surdos: Uma Interação Mediada Pela Visão**. In: MORTIMER, E. F. (org). *Anais do VI ENPEC-Encontro Nacional de Pesquisa em Educação e Ciências*. 1ª ed. Belo Horizonte: ABRAPEC, 2007.

MENDES, E. G. **Desafios atuais na formação do professor de educação especial**. *Revista Integração*, ano 14, n.24, p. 12-17, 2002.

MOREIRA, M. A. e MASINI, E.A.F.S.; **Aprendizagem significativa: A teoria de David Ausubel**. São Paulo, Editora Moraes, 1982.

O'CONNOR, R. E. & Jenkins, J. R. (1996). **Cooperative learning as an inclusion strategy: A closer look**. *Exceptionality*, 6(1), 29-51.

O'DONOGHUE, T. A. & CHALMERS, R. (2000). **How teachers manage their work in inclusive classrooms**. *Teaching and Teacher Education*, 16, 889-904.

QUEIROZ, T.G.B.; SILVA, D.F. e; MACEDO, K.G. de; BENITE, A.M.C. **Estudos sobre o papel da linguagem no ensino de Ciências /Química para aluno surdo**. In *Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Química*, 33ª, São Paulo, 2010.

TIERNEY, W. G. **Building Communities of Difference**. Higher Education in the twenty-first Century. London: Bergin and Garvey, 1993. Disponível em: <http://www.webartigos.com/artigos/historia-e-tendencias-da-educacao-inclusiva/23748/#ixzz27RRi5MSH>, acessado em 20 de setembro de 2012.

ZANATA, E. M.; **Práticas Pedagógicas Inclusivas para Alunos Surdos numa Perspectiva Colaborativa**. Universidade de São Carlos.; Centro de Educação e Ciências Humanas.; Programa de Pós-graduação em Educação Especial. São Carlos, dezembro, 2004. Disponível em: http://www.btdt.ufscar.br/htdocs/tedeSimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=557>, acesso em 22 de abril de 2015.